

**PERGUNTA NIETZSCHE:
O QUE HÁ DE POÉTICO NO DISCURSO DA FILOSOFIA?**

**[NIETZSCHE ASKS:
WHAT'S POETIC IN THE DISCOURSE OF PHILOSOPHY?]**

Fernanda Machado Bulhões

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

DOI: <http://dx.doi.org/10.21680/1983-2109.2016v23n42ID9478>

Natal, v. 23, n. 42
Set.-Dez. 2016, p. 9-29

Princípios
Revista de filosofia

E-ISSN: 1983-2109



Resumo: A Filosofia é um tipo de saber exclusivamente discursivo. Seguindo rigidamente as regras da Lógica, os argumentos e teorias vão se constituindo a partir de conceitos abstratos. Porém, afirma Nietzsche, os conceitos surgem de imagens e estas de impressões sensíveis. Por isso devemos perguntar: o que há de poético no pensar-escrever filosófico? “O que é arte na filosofia”? Devemos também voltar aos filósofos da época trágica dos gregos e aprender com eles o valor estético da Filosofia.

Palavras-chave: Linguagem; Imaginação; Arte; Conceito.

Abstract: Philosophy is a kind of exclusively discursive knowledge. Following boldly the rules of Logic, the arguments and theories are building from abstract concepts. Nietzsche claims that the concepts arise by images and these images are from sensitive impressions. So, we may ask: what of poetic there is in philosophical thinking-writing processes? “What is art in philosophy”? We may go back to the Greek tragic period philosophers and learn from them these aesthetic values in Philosophy.

Keywords: Language; Imagination; Art; Concept.

*Qual a relação entre o gênio filosófico e a arte?
[...] Devemos perguntar: o que é arte na filosofia?
(Nietzsche, 2001a, p. 13)*

Desde seu princípio na Grécia Arcaica, a Filosofia é uma atividade racional. Quer dizer, é uma forma de pensar a realidade através de conceitos e relações lógicas, de nexos causais: se isso, então aquilo. O filósofo quer conhecer a Natureza (*phýsis*) racionalmente, sem recorrer a forças sobrenaturais e a explicações fantasiosas. Ele surge contestando o pensamento mítico, não apenas se contrapõe à religião homérica, mas ao próprio modo de pensar mágico-religioso¹. Movido pelo impulso racional de conhecimento, o filósofo do período arcaico pretende explicar o inexplicável, iluminar o obscuro. A luz, a claridade, é uma das suas características essenciais, mas, como veremos, não é a única, ela convive com o lusco-fusco de suas intuições e o colorido das metáforas poéticas.

Nietzsche reconhece o valor do traço científico da filosofia e elogia o inovador, o primeiro filósofo grego, Tales de Mileto, que, como astrônomo e matemático, recusando as narrativas míticas, viu a Natureza (*phýsis*) simplesmente como elementos naturais (água, terra, fogo, ar) e não mais como uma emanção, uma máscara dos deuses. Seu mérito é enorme: inventou a linguagem racional da Filosofia com sua célebre frase: “a água é o princípio de todas as coisas”. Mostra-nos Nietzsche, a filosofia tem um parentesco com a ciência, “não há filosofia separada da ciência: naquela como nesta, pensa-se da mesma maneira” (Nietzsche, 2001a, p. 20); “a filosofia grega arcaica, contra o mito e pela ciência” (Nietzsche, 2001b, p. 57); a filosofia vai “do mito às leis da natureza, da religião à ciência” (Nietzsche, 1994, p. 278). Em vez de contar histórias sobre os deuses, os heróis e suas ações extraordinárias, o pensamento filosófico se interessa e se surpreende diante do que é mais comum e cotidiano: “tornado livre, o

¹ Cf. Detienne, 1988.

intelecto põe seu olhar sobre as coisas e, agora, pela primeira vez, o cotidiano lhe aparece *digno de interesse, problemático*” (Nietzsche, 1994, p. 85).

Ao mesmo tempo em que o filósofo arcaico se depara com a realidade mais cotidiana (o devir²), ele a ultrapassa. Utilizando o pensamento lógico-abstrato, ele reflete sobre o que suas sensações físicas lhe mostram e vai além do sensível e particular. Livre dos mitos e dos deuses, seu pensamento abrange a Natureza em sua e Unidade. O filósofo escapa da “roda do tempo”³, sai do aqui e agora e cria uma teoria sobre o Cosmo. Como dizia Schopenhauer, “a filosofia é uma soma de juízos bastante universais, cujo fundamento de conhecimento é imediatamente o mundo no seu conjunto, sem nada excluir” (Schopenhauer, 2005, p. 137).

Nietzsche considera que os pré-socráticos, também por ele chamados de “filósofos arcaicos”, têm uma força e um brilho especial. São os frutos da primeira safra, nascidos de um solo mais fértil. Os filósofos da Natureza – em destaque: Tales, Anaximandro, Heráclito, Parmênides, Pitágoras, Anaxágoras, Empédocles e Demócrito – constituem uma “república de gênios”. Todos são admirados e apresentados como homens excepcionais, que inauguraram formas absolutamente inéditas de ver o mundo.

Mas todo vigor do período arcaico da filosofia grega, VI e V a.C., não perdura por muito tempo. Termina na virada do século V para o IV a.C., quando Sócrates, movido por um impulso lógico

² Mas, para o filósofo grego arcaico, o que é a realidade em seu estado mais comum e cotidiano? Responde Nietzsche: “O fenômeno mais cotidiano é o devir; com ele começa a Filosofia na Jônia. Surpreso diante da Natureza, o filósofo constata que tudo está em devir, está num processo constante de vir-a-ser, de transformação, de mutação” (Nietzsche, 1994, p. 86). Trato sobre as questões vinculadas ao devir no artigo “Nietzsche e o nascimento da filosofia grega” (Bulhões, 2013b).

³ “Pois a maneira de consideração filosófica consiste no desprezo pelo presente e pelo instantâneo. Ele (o filósofo) tem a verdade; é possível que a roda do tempo role para onde quiser, ela nunca poderá escapar da verdade” (Nietzsche, 1996, p. 25).

“desenfreado”, com suas exigências argumentativas, suas facadas silogísticas, rompe com seus predecessores. Chamamos a atenção de que Nietzsche escolhe Sócrates como o grande símbolo⁴ da expansão de um novo e “duvidoso Iluminismo” (Nietzsche, 1992, p. 84), expansão que de fato acontecia e que provocou o fim da época trágica e o início de uma nova era, uma nova cultura fundada na razão. Aliás, segundo Nietzsche, uma excessiva e tirana razão.

Apropriando-se de Sócrates, Nietzsche cria o conceito de “socratismo”, que aponta para um fenômeno histórico que ocorria naquele período: o enorme desenvolvimento da racionalidade lógica que, para o pensador alemão, era excessivo, já que postulava a superioridade da razão sobre os demais impulsos. Com a instauração da tirania da razão na Filosofia, desapareceu a figura intuitiva do antigo filósofo e surgiu o novo modelo movido pela “inabalável fé de que o pensar, pelo fio condutor da causalidade, atinge até os abismos mais profundos do ser” (Nietzsche, 1992, p. 93). Desde então, a filosofia passa a ser dominada pela ilusão metafísica de que a razão, com seus conceitos e combinações lógicas, é o único caminho para a verdade. Segundo Nietzsche: “É uma fase derradeira, pouco elevada” (Nietzsche, 2001a, p. 6).

Mas foi essa fase “pouco elevada” da cultura helênica que predominou em nosso mundo ocidental-socrático-otimista. Desde então, a razão se impõe como a única a dar legitimidade ao discurso filosófico e a qualquer tipo de conhecimento que tenha a pretensão de ser científico. O iluminismo socrático pode ter sido duvidoso, porém foi vitorioso.

Linguagem: das imagens aos conceitos

Sem a capacidade racional de produzir conceitos abstratos não existiria a Filosofia. Porém, Nietzsche afirma, todo conceito surge a partir de imagens, metáforas, estas, por sua vez, são derivadas de

⁴ Cf. Bulhões, 2013a.

atividades neurológicas, físicas, químicas. A formação da linguagem se realiza a partir da relação entre três esferas: (1) das intuições (*die Intuition, die Anschauungen*), atividades corporais, os “estímulos nervosos” inconscientes que constituem a matéria-prima da linguagem e do pensamento; (2) da imaginação (*Phantasie*) e seu poder de criar e associar imagens; (3) da razão e sua capacidade de abstrair e formar conceitos e relações lógicas. Nos fragmentos e ensaios póstumos de 1872 a 1875, o filólogo-filósofo aponta para as superposições e interrelações entre essas esferas.

Um estímulo nervoso, primeiramente transposto em uma imagem! Primeira metáfora. A imagem, por sua vez, modelada em um som! Segunda metáfora. E a cada vez completa mudança de esfera, passagem para uma esfera inteiramente outra e nova (Nietzsche, 1983, p. 47).

Identificar o semelhante com o semelhante, descobrir qualquer semelhança entre uma coisa e outra, é o processo original (Nietzsche, 2001a, p. 47).

A imaginação consiste em ver rapidamente as semelhanças. A seguir a reflexão avalia conceito por conceito. A semelhança deve ser substituída pela causalidade (Nietzsche, 2001a, p. 19).

Há muito mais sequências de imagens no cérebro que as que são utilizadas para pensar: o intelecto escolhe rapidamente as imagens semelhantes, a imagem escolhida produz de novo uma profusão de imagens: mas depressa o intelecto escolhe de novo uma imagem entre estas e assim ininterruptamente (Nietzsche, 2001a, p. 21).

Sensação, movimentos reflexos, muito frequentes e seguindo-se com rapidez de relâmpago, animam-se progressivamente, produzindo a operação de raciocínio (Nietzsche, 2001a, p. 33).

O que esses escritos nos dizem é que o corpo está em primeiro lugar, a racionalidade dele deriva (ideia fundamental em todo o trajeto da filosofia de Nietzsche). Todas as imagens e conceitos surgem das intuições sensíveis, “as *formas* do intelecto nasceram da matéria, muito gradualmente” (Nietzsche, 2001a, p. 36). Todo

pensamento consciente surge do pensamento inconsciente: “O pensamento consciente nada mais é do que uma escolha entre as representações. Há um longo caminho até à abstração” (Nietzsche, 2001a, p. 21). E nesse longo caminho, escolhemos algumas imagens e outras deixamos, e, assim, nosso pensamento vai seguindo seu percurso rapidamente, conectando e desconectando imagens-ideias – que podem ou não se transformar em conceitos. Na realidade, não temos o controle pleno sobre esse movimento ininterrupto do pensar⁵: “Os raciocínios inconscientes provocam a minha reflexão” (Nietzsche, 2001a, p. 38); “Todo pensamento nos vem à superfície como arbitrário, como por nosso gosto: nós não observamos a atividade infinita” (Nietzsche, 2001a, p. 21). O movimento da razão é de reflexão, refletindo, vai construindo conceitos e abstrações que “jorram de cima como um chuvaireiro”⁶.

Vale esclarecer que Nietzsche segue em alguns aspectos a compreensão de Schopenhauer sobre a faculdade da razão: (1) a razão não existe por si mesma, é uma “reflexão”⁷; (2) a razão só faz sentido para o homem que a criou. A razão e a linguagem – que é o primeiro produto e instrumento da razão – é uma espécie de telégrafo que funciona a partir de um código inventado e só decifrado pelo próprio homem: “A fala, como objeto da experiência externa, não é outra coisa senão um telégrafo bastante aperfeiçoado que

⁵ Nesse aspecto, Nietzsche antecipa Freud chamando-nos a atenção de que nossa consciência é influenciada e atravessada por nossas impressões inconscientes.

⁶ “[O filósofo] [a]mplia-se num macrocosmo e distancia a observação que reflete – do mesmo modo que o ator ou o poeta dramático, que se transforma e, contudo, permanece consciente de que se projeta no exterior. O pensamento dialético jorra de cima, como um chuvaireiro” (Nietzsche, 2001, p. 18).

⁷ Segundo Schopenhauer (2005, p. 82) “muito apropriadamente e com precisão infalível”, a razão foi denominada reflexão “pois, de fato, é uma aparência refletida, algo derivado do conhecimento intuitivo”; “o mundo inteiro da reflexão repousa e se enraíza no mundo intuitivo” (*id.*, *ibid.*, p. 117), “os conceitos só existem depois das representações intuitivas” (*id.*, *ibid.*, p. 99).

comunica sinais arbitrários com grande rapidez e nuances sutis” (Schopenhauer, 2005, p. 86).

Nietzsche afirma que não existe uma correspondência entre as palavras e as coisas: “As palavras são apenas símbolos das relações das coisas entre si e conosco, elas não fundam, em parte alguma, a verdade absoluta” (Nietzsche, 1985, p. 151). O conceito de folha, por exemplo, se forma quando as características individuais são deixadas de lado e selecionadas apenas as que são comuns a todas. O que é inteiramente singular é desconsiderado. Nietzsche aponta que todo conceito nasce dessa desconsideração, nasce do arbitrário abandono do que é individual e único. Ora, deduz o então jovem pensador, se o conceito nasce da identificação do não idêntico, ele nasce de um procedimento totalmente ilógico. Quer dizer, os conceitos são constituídos de modo arbitrário, puramente convencional, são invenções humanas, não correspondem a nada nesse mundo.

Aprofundando-nos ainda mais nas reflexões de Nietzsche, vemos que ele diferencia dois modos de pensar: por imagens ou por conceitos, imaginando ou raciocinando. Imaginar é ver semelhanças entre as imagens, como fazem os poetas. Raciocinar é ver relações da causalidade lógica entre os conceitos, como fazem os cientistas. Imaginar e raciocinar são formas distintas de pensar, porém não há uma diferença radical entre elas, já que todo pensamento nasce das imagens, “ao conceito corresponde primeiro a imagem, as imagens são pensamentos originais” (Nietzsche, 2001a, p. 16). A imaginação, diz Nietzsche, é um “poder estranho e ilógico” (*fremde, unlogische Macht*) capaz de duas atividades: a de criar e a de associar imagens (*Bildern*): “existe uma dupla força artística: a que gera as imagens e a que as escolhe” (Nietzsche, 2001a, p. 21). Imaginar é tornar visível, é fazer aparecer, é estabelecer contornos, e é também relacionar, associar, multiplicar imagens, criando ininterruptamente novas configurações. O que significa dizer que a imaginação tem um papel fundamental na formação da linguagem e do pensamento.

Por mais que a tirana razão socrática queira eliminar a imaginação, não consegue, pois há algo de artístico no pensamento – científico, poético, religioso, filosófico etc.: “o pensamento contém grandezas artísticas” (Nietzsche, 2001a, p. 17); “há algo de artista nesta produção de formas por meio das quais alguma coisa entra na memória” (Nietzsche, 2001a, p. 30). O homem é, antes de tudo, um ser imaginativo, criativo. O impulso de formar imagens é o “impulso fundamental do homem que não se pode deixar de levar em conta nem por um instante, porque com isso o homem mesmo não seria levado em conta” (Nietzsche, 1983, p. 50).

Nietzsche nos alerta: a linguagem não é o lugar onde se encontram as verdades do mundo, a linguagem é o lugar onde se encontram as imagens, os reflexos, do mundo. As palavras não são as coisas, mas os homens confundem as palavras com as coisas⁸: “o conceito ‘lápiz’ é confundido com a coisa ‘lápiz’” (Nietzsche, 2001a, p. 51). Isso ocorre diariamente porque nós acreditamos que as coisas são tal como as designamos. Na contramão desse esquecimento milenar, Nietzsche vem apontar para o caráter criativo e arbitrário da linguagem e do conhecimento: “Dividimos as coisas por gêneros, designamos a árvore como feminina, o vegetal como masculino, que transposições arbitrárias! [...] que preferências unilaterais, ora por esta, ora por aquela propriedade” (Nietzsche, 1983, p. 47). Ou seja, todo conhecimento é um tipo de nomeação: “Todo explicar e todo conhecer não é propriamente mais que um denominar” (Nietzsche, 2001a, p. 46). Temos a tendência a crer que as palavras dizem o que são as coisas em si mesmas, indepen-

⁸ Michel Foucault afirma que a sua obra *As palavras e as coisas* nasceu de seu riso – diz ele em seu prefácio – quando leu uma citação feita pelo poeta Jorge Luis Borges de uma “uma certa enciclopédia chinesa” em que aparece a seguinte classificação dos animais: a) pertencentes ao imperador, b) embalsamados, c) domesticados, d) leitões, e) sereias, f) fabulosos, g) cães em liberdade, h) incluídos na presente classificação, i) que se agitam como loucos, j) inumeráveis, k) desenhados com um pincel de pelo de camelo, l) que acabam de quebrar a bilha, m) que de longe parecem moscas (Cf. Foucault, 1999).

dentes da relação que têm conosco. Pura ilusão! Acreditamos nas palavras porque esquecemos de que somos nós que as inventamos.

Mas, por que esquecemos? Eis uma pergunta importante: por que esquecemos de que somos nós os inventores da linguagem e do conhecimento e do mundo a nossa volta? Porque o esquecimento traz uma sensação de tranquilidade e segurança. Dar nome às coisas é o modo humano de tornar a imprevisível e escorregadia realidade num mundo regular e conhecido, onde tudo está (aparentemente) dominado. “Nossa única maneira de nos tornarmos senhores da multiplicidade é estabelecendo categorias” (Nietzsche, 2001a, p. 46). Estamos tão habituados a acreditar na linguagem que esquecemos de que a nossa dita realidade objetiva é uma construção feita à nossa imagem e semelhança. O homem vive esquecido porque assim vive com menos espanto diante do desconhecido.

A rigor, todo conhecimento é uma construção criativa a partir da ilógica imaginação. Mas não podemos deixar de constatar que a ciência, embora não produza verdades objetivas e neutras, produz objetos úteis e eficazes. Nosso esplendoroso mundo tecnológico mostra o quanto somos magníficos em nosso poder de construção. O sofisticado funcionamento dos nossos equipamentos ultramodernos demonstra que temos uma enorme capacidade de criar, de interferir e, até certo ponto, de recriar a natureza. Nesse sentido, a ciência é uma grande e maravilhosa – pode ser, inclusive, perigosa e desastrosa – obra de arte.

Usando seu pensamento, tanto a imaginação quanto a razão, o homem, espantosamente, cria de si mesmo - como a aranha tira de si mesma a sua teia – metáforas, metonímias, palavras, conceitos, teorias, redes de pensamento, teias de significados. Cria “uma construção como que de fios de aranha, tão tênue a ponto de ser carregada pelas ondas, tão firme a ponto de não ser despedaçada pelo sopro de cada vento” (Nietzsche, 1983, p. 49). Não há dúvida de que o poder do homem de construir coisas é imenso, porém não significa que ele tem o poder de conhecer a verdade. Uma coisa é a

capacidade de criar teorias, outra é supor que essas sejam verdades absolutas. Uma coisa é usar a razão lógica, outra é usá-la de modo excessivo, exacerbado. Esse é o ponto.

O que Nietzsche vem denunciar é que o homem, demasiadamente humano, é pretensioso, vaidoso, e coloca-se acima de todos os animais e seres do universo porque considera-se o único ser racional. De fato, como suas garras são fracas, sua visão é curta, seu olfato é reduzido, sua habilidade lógica foi altamente desenvolvida. Sua inteligência foi utilizada com maestria para manter-se vivo na terra. O que ele precisa (urgentemente) é lembrar-se de que ele próprio é animal e que todo seu conhecimento, sua ciência, sua tecnologia, não são produtos do encontro com a verdade última de todas as coisas. Sobretudo os filósofos devem lembrar-se de que suas teorias são, apenas, invenções.

A poesia, serve da filosofia, a partir do “divino Platão”

“A vida é digna de ser vivida, diz a arte; o mundo é digno de ser conhecido, diz a ciência” (Nietzsche, 1994, p. 279).

Em *O nascimento da tragédia*, Nietzsche nos apresenta Platão como um pensador e poeta que em sua juventude escrevia poesias até ser absolutamente seduzido pelo herói dialético, Sócrates, que o fez rasgar seus poemas. Em vez de poeta trágico, Platão tornou-se o fiel escudeiro do socratismo e seus valores e ideais racionalistas. Mas, como Platão não podia deixar de ser poeta, ele criou um novo estilo literário que é simultaneamente filosofia e arte. De acordo com a interpretação de Nietzsche, o diálogo platônico, que seria uma forma literária precursora do romance, é um novo gênero poético “nascido da mistura de todos os estilos e formas precedentes, paira no meio, entre narrativa, lírica e drama, entre prosa e poesia” (Nietzsche, 1992, p. 88).

Para Nietzsche, Platão foi o primeiro filósofo escritor misto (Sócrates, o último puro) que rompeu com a unidade de estilo que até então predominava. Criou uma nova arte na qual a poesia está submetida à filosofia, “a poesia vive com a filosofia dialética em

uma relação hierárquica” (Nietzsche, 1992, p. 89). O que significa dizer que a arte é dominada pela razão, o traço pensador de Platão se sobrepôs ao poético e, assim, sob a pressão do timoneiro Sócrates, a poesia torna-se escrava da filosofia, “o pensamento filosófico ultrapassa a arte e a constringe a agarrar-se ao tronco da dialética” (Nietzsche, 1992, p. 89).

Mas, embora defendesse a superioridade da razão (“alma racional”) em relação aos demais impulsos (“alma irascível” e “alma apetitiva”), Platão reconhecia a importância da *mania*, delírio, loucura divina. Em seu belo diálogo *Fedro*, tece elogios ao poeta inspirado pelas Musas e ressalta que o delírio é condição necessária da boa poesia, diz ele: “quem se apresenta às portas da poesia sem estar atacado do delírio das Musas, [...] revela-se, só por isso, de natureza espúria, vindo a eclipsar-se sua poesia” (Platão, 1980, 245 a). Nessa passagem, Platão elogia a loucura divina e a reconhece como superior ao estado de consciência: “os maiores bens nos vêm do delírio, que é, sem a menor dúvida, uma dádiva dos deuses. A profetisa de Delfos e as sacerdotisas de Dodona, em seus delírios prestaram inestimáveis serviços a Hélade, [...] ao passo que em perfeito juízo pouco fizeram, ou mesmo nada”. Ou seja, a poesia é apresentada como um dos tipos de *mania* que existiam, além da adivinhação, da iniciação nos Mistérios e do amor. Em um estado de delírio, o homem perde o domínio de si e ganha um saber inspirado por um deus – o poeta, pelas Musas, o vidente, por Apolo, o místico, por Dioniso, o filósofo, por Eros e Afrodite.

Mas, apesar de aqui Platão valorizar mais o saber nascido de um estado inconsciente do que o conquistado através da razão humana, Nietzsche considera seus elogios, ao poder magnífico da inspiração poética, pura ironia:

Também o divino Platão fala, quase sempre com ironia, da faculdade criadora do poeta, na medida em que ela não é discernimento [*Einschit*] consciente e a equipara à aptidão do adivinho e do intérprete de sonhos;

posto que o poeta não é capaz de poetar enquanto não ficar inconsciente e nenhuma inteligência residir mais nele. (Nietzsche, 1992, p. 83)

Conforme o método de ascese proposto por Platão, a imaginação poética não produz conhecimento verdadeiro. A faculdade da imaginação (*phantasia*) faz parte do processo de conhecimento, porém é um estado preliminar, corresponde à opinião que pode ser verdadeira ou falsa. Através da imaginação, o filósofo não chega à essência das coisas, não ultrapassa a esfera da aparência, do sensível. Platão considera que a realidade percebida pelos sentidos não é a verdadeira realidade, o sensível é cópia, é imagem da verdadeira essência que é a Ideia. Daí a sua forte suspeita em relação à arte e, por consequência, à poesia, pois a arte seria uma criação, imitação (*mímeses*) a partir do sensível que, por sua vez, é cópia da realidade verdadeira. Ou seja, a arte seria cópia da cópia, imagem da imagem, puro simulacro.

Além de não ser ciência, a poesia pode ser prejudicial em termos morais. Pode desviar o bom homem do caminho correto na medida em que, por intensificar os sentimentos e as emoções, pode facilmente confundir-lo. Por isso, na cidade utópica de Platão, a poesia precisa ser supervisionada e subordinada às diretrizes do rei filósofo que estabelece uma moral, uma tábua de valores, segundo a qual a razão é condição de virtude e a virtude é condição da felicidade. Quer dizer, só quem vive de acordo com os preceitos lógicos, racionais, pode ser sábio e, por consequência, feliz.

Em contraposição a Platão, Nietzsche considera que o raciocínio logicamente encadeado não leva nem à verdade nem à felicidade assim como a poesia não leva à infelicidade nem induz a um desvio moral. A poesia é apenas um modo livre de pensar por imagens, que vai saltando de possibilidade em possibilidade. Enquanto Platão tem restrições à poesia e desconfia do poder da imaginação, Nietzsche coloca restrições à ciência e desconfia do poder da razão.

Nietzsche vê Platão em continuidade com o socratismo do mesmo modo que se vê em continuidade com os pré-socráticos. A relação entre Nietzsche e Platão é um tema fascinante e amplo que merece ser aprofundado num momento oportuno. Por ora, deixamos uma observação como um alerta: as críticas de Nietzsche são direcionadas à doutrina platônica e não aos escritos do genial pensador e poeta, o “divino Platão”, cujos diálogos ensinam, segundo o próprio Nietzsche, como escrever um ótimo texto de filosofia. Numa tentativa de ser útil àqueles que querem ir além da erudição acadêmica, “que merecem ser iniciados oportunamente e seriamente no estudo da filosofia”, Nietzsche lhes dá um conselho: “leiam Platão!”, porque antes de tudo é necessário “desaprender todas as espécies de pequenas mentiras, tornando-se simples e naturais”, “é preciso aconselhar, com boas razões, que não se submetam às diretivas de alguns acadêmicos, filósofos profissionais, mas que leiam Platão” (Nietzsche, 2001a, p. 53).

A filosofia “é uma forma de poesia”

Diz Nietzsche: “O filósofo esforça-se para estabelecer, em lugar do pensamento em imagens, um pensamento por conceitos” (Nietzsche, 2001a, p. 38). Desde o socratismo e o platonismo, o pensamento por imagens é depreciado na filosofia. Propagou-se a ideia de que a imaginação atrapalha o desenvolvimento do raciocínio filosófico na medida em que não é capaz de formular o conceito, que aponta para o universal e inteligível, pois ela se restringe ao que é singular e sensível. Com o objetivo de atingir a essência das coisas, o filósofo se esforça em construir uma linguagem puramente abstrata, limpa, sem a “poeira”, a “sujeira” do real.

Ora, diria Nietzsche, todo esse empenho na higienização do discurso filosófico é inútil. A filosofia, e todo pensamento racional-científico, é uma extensão da imaginação. Nesse sentido, “[h]á uma grande dificuldade para saber se a filosofia é uma arte ou uma ciência” (Nietzsche, 2001a, p. 40). Por isso, diz ele: “devemos perguntar: o que é arte na filosofia?” (Nietzsche, 2001a, p. 13).

Nietzsche faz a si essa pergunta e sua resposta é: a filosofia “é arte em seus fins e em sua produção. [...] É uma forma de poesia” (Nietzsche, 2001a, p. 15).

Entendemos que ao dizer “a filosofia é arte em sua produção” o que está sendo dito é que a imaginação é o principal impulso que produz o amplo e vasto movimento do pensar, que vai das primeiras imagens aos conceitos mais abstratos, como o Ser, vai da imagem única e singular às “mais desbotadas e pálidas generalidades, às caixas vazias das mais indeterminadas palavras” (Nietzsche, 1985, p. 150)⁹. A imaginação, uma potência artística, poética, é a força artística fundamental do pensamento, é o impulso que vai criando, conectando e desconectando imagens e palavras. Ela é versátil, flexível, ágil e bem mais rápida do que a rígida razão que, metodicamente, controladamente, prudentemente, pesa as coisas, calcula, mede, define, cataloga.

A filosofia poética da época trágica

De acordo com a interpretação de Nietzsche, no período arcaico grego, a Filosofia era feita de inspiração e não de erudição. Ainda não existia o puro pensamento abstrato como ainda não existia o homem puramente teórico. O primeiro filósofo não era homem de muitas palavras menos ainda de discursos. Ele é extremamente solitário na vida e no exercício filosófico. Sozinho, escreve suas ideias, impressões e intuições. Sua escrita, seja em verso ou em prosa, é poética. Cada um dos sistemas filosóficos tem a sua própria lógica, porém todos os escritos “Sobre a natureza” ou *Da*

⁹ Imerso “no banho frio de suas terríveis abstrações”, Parmênides seguia apenas a linha lógica do seu pensar, desprezava os sentidos, pois estes forneciam apenas ilusões, pura aparência. Ele só dava crédito ao seu pensamento abstrato que lhe dizia: o ser é, o não-ser não é. Antecipando Platão, segundo Parmênides, é preciso ir além das sensações para alcançar a verdade, pois “a verdade apenas pode habitar nas mais desbotadas e pálidas generalidades, nas caixas vazias das mais indeterminadas palavras” (*loc. cit.*).

natureza – peri phýseos – são formulados numa linguagem poética, entusiasmada.

Os filósofos arcaicos inovaram na forma de olhar o mundo e também na forma de falar sobre o mundo. São os primeiros que se expressaram pela escrita e não mais oralmente. Podemos dizer que na Grécia a escrita (o alfabeto grego) praticamente nasceu e se desenvolveu junto da filosofia. Os filósofos surgiram em contraposição aos antigos poetas que se expressavam através da palavra viva, falada. Como nos esclarece Jaa Torrano:

Durante milênios, anteriores à adoção e difusão da escrita, a poesia oral foi o centro e o eixo da vida espiritual dos povos, da gente que – reunida em torno do poeta numa cerimônia ao mesmo tempo religiosa, festiva e mágica – a ouvia. Então, a palavra tinha o poder de tornar presentes os fatos passados e os fatos futuros, de restaurar e renovar a vida (Torrano, 1984, p. 19)

Os filósofos arcaicos romperam com a tradição oral da poesia, no entanto assumiram, de certo modo, a função que antes era a do poeta: revelar o que é o mundo. Alguns escreveram suas teorias em prosa justamente para acentuar o contraste com os antigos poetas, outros escreveram em versos para salientar o parentesco com eles. Os filósofos arcaicos olharam o mundo como cientistas, mas todos sentiam a Natureza com alma de poeta. E, por isso, como os antigos poetas escolhidos pelas Musas, consideravam-se seres excepcionais que possuíam o poder de “restaurar e renovar a vida”.

Mas, se os escritos são metáforas por que produzir um texto se este é uma transposição metafórica absolutamente arbitrária e inadequada? Qual é a finalidade das palavras escritas? Para que serve então a filosofia? Nietzsche, com seu estilo dramático, imagina o momento em que o filósofo arcaico poderia entrar em conflito consigo próprio: “Conflito do filósofo: seu instinto universal constrange-o a um pensamento medíocre, o imenso *páthos* da verdade, produzido pela amplitude do seu ponto de vista, cons-

trange-o à *comunicação* e esta, por sua vez, à *lógica*” (Nietzsche, 2001a, p. 25).

Como ele pode solucionar esse conflito interno?

O filósofo arcaico soluciona definitivamente esse dilema dando a seguinte e última resposta a si mesmo: o valor e a finalidade do meu texto filosófico não é científico, também não é religioso, é, sim, estético! Mesmo que a minha verdade seja indemonstrável, minhas palavras e teses servem para dar beleza e magnitude à vida. Levado pelas forças da arte, o filósofo escreve e comunica a sua verdade incomunicável, sua meta é propagar, mesmo que de forma difusa, a luz que, um dia, vislumbrou, a música que, um dia, escutou.

Segundo Nietzsche, o filósofo arcaico sabe que suas palavras não dizem a sua verdade intuída, pois esta é indissociável de uma experiência subjetiva carregada de sentimentos e pressentimentos. Em contraposição ao filósofo socrático-platônico cujo raciocínio se constrói a partir de rígidas combinações lógicas, o filósofo arcaico pensa de modo livre, leve e solto. Pensa levado pelas asas da imaginação. São elas que movem seu pensamento rapidamente, fazendo-o saltar de possibilidade em possibilidade, expandindo seus horizontes. Não tem medo de saltos arriscados. Nele, a imaginação não está subordinada à razão. Seu pensamento tem lógica, mas não está por ela aprisionado. Tem liberdade plena de movimento. Sua fala-escrita é apenas uma versão metafórica da sua verdade intuída. Por isso ele não pretende e nem precisa convencer os outros da sua verdade. Por isso, em vez de discursar como um sofista ou argumentar como o dialético Sócrates, ele se expressa com poucas palavras, de modo conciso e poético.

Enquanto o filósofo socrático tem seu prazer em caminhar cuidadosamente sobre parâmetros (supostamente) sólidos e dominar suas súbitas impressões, ideias e sentimentos através das rédeas da lógica racional, o filósofo arcaico se entrega a voos perigosos e, do alto, lança sua teoria. “É magnífico que os antigos filósofos tenham podido viver tão livres, sem tornar-se por isto nem loucos nem vir-

tuoses. A liberdade do indivíduo era imensamente grande” (Nietzsche, 2001c, p. 90).

Compreendemos que a admiração de Nietzsche pelos filósofos da época trágica dos gregos se deve ao fato de que estes têm a plena consciência de que suas teorias filosóficas são expressões metafóricas das suas verdades intuídas. Eles ensinam que a Filosofia é uma forma de poesia produzida tanto pela imaginação como pela razão. A Filosofia é imagem-conceito. Não há como provar logicamente as verdades que surgiram de um *páthos*. Nietzsche valoriza a filosofia arcaica porque ela se assume como forma de poesia, seu valor é eminentemente estético: “O filosofar ainda continua presente como *obra de arte*, mesmo quando não pode ser demonstrado como construção filosófica. [...] Em outras palavras, o que decide não é o puro *instinto de conhecimento*, mas o *instinto estético*” (Nietzsche, 2001a, p. 20). “São a beleza e a magnitude de uma construção do mundo (aliás, a filosofia) que decidem agora o seu valor dizendo de outra maneira, ela é considerada uma *obra de arte*” (Nietzsche, 2001a, p. 14).

Enfim...

É uma característica de Nietzsche, de sua juventude à maturidade, valorizar mais a imaginação do que a razão. Chega a definir o conceito como uma metáfora gasta, descolorida, fria, sepulcro das intuições. Por que essa depreciação da razão em detrimento da imaginação? É simples: porque a imaginação dá asas ao pensamento enquanto a razão dá peso ao pensamento. Imaginar é deixar fluir as ideias, para um lado, para o outro, para trás, para frente, é ver rapidamente as semelhanças e os contrastes. Racionar é pensar devagar obedecendo à sequência lógica da argumentação, é seguir uma linha linear previamente traçada sem nunca misturar o antes e o depois, a esquerda e a direita, a premissa e a conclusão.

Compreendemos que as críticas de Nietzsche não se direcionam ao poder do pensamento racional-abstrato-conceitual, ao contrário,

ele admira o caráter criativo, artístico, do pensamento humano, seja ele imaginativo ou conceitual. O que ele faz questão de lembrar e de dizer bem alto é que o homem não é capaz de alcançar e dizer a “essência” das coisas, pois sua razão jamais chega à coisa-em-si. Seu conhecimento é antropomórfico, suas palavras são produzidas à sua imagem e semelhança.

Nietzsche nos mostra que podemos aprender com o filósofo da época trágica como ser livre no exercício do pensar e escrever. Nele a filosofia está a serviço da arte que está a serviço da vida. Nele a intuição fala primeiro, depois, a imaginação e, só por último, a razão. A razão “vem a seguir”, se vier. Com os antigos mestres, Nietzsche aprendeu que a filosofia não precisa eliminar o mistério e o poético, pois “[o] valor da filosofia [...] não corresponde à esfera do conhecimento, mas à esfera da vida, a vontade de existência usa a filosofia tendo por fim uma forma superior de existência” (Nietzsche, 2001a, p. 14). Por isso, a filosofia pouco demonstrada de Heráclito “possui um valor de arte superior a todas as proposições de Aristóteles” (Nietzsche, 2001, p. 20).

Concluimos, por ora, dizendo que (além de não existirem fronteiras nítidas e rígidas entre a intuição, a imaginação e a razão) não há nenhum problema em o filósofo querer e se empenhar em transformar seu pensamento imaginativo em linguagem lógica-conceitual, no entanto ele não precisa depreciar a dimensão poética do seu pensar. Se “a filosofia é uma forma de poesia”, é porque a filosofia não é poesia, mas, ao mesmo tempo, tem algo de poético. Será a Filosofia poesia conceitual?

Referências

BULHÕES, Fernanda. Sócrates: o abismo mais profundo e a mais alta elevação. In: FEITOSA, Charles; BARRENECHEA, Miguel-Angel. (Org.).

Assim Falou Nietzsche III: para uma filosofia do futuro. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001. p. 229-235.

BULHÕES, Fernanda. Como diria Nietzsche: pensar é (antes de tudo) uma atividade criativa. *Princípios*. Natal, v. 14, n. 22, jul.-dez. 2007, p. 253-260.

BULHÕES, Fernanda. Críticas e elogios de Nietzsche a Sócrates. In: CONTE, Jaimir. (Org). *O que é metafísica? Atas do III Colóquio Internacional de Metafísica*. Natal: EDUFRRN, 2011. p. 91-100.

BULHÕES, Fernanda. Pré-platônicos ou pré-socráticos? *Revista Trágica: Estudos sobre Nietzsche*. Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, jan.-jun. 2013a, p. 28-38.

BULHÕES, Fernanda. Nietzsche e o nascimento da filosofia grega. *Princípios*. Natal, v. 20, n. 33, jan.-jun. 2013b, p. 391-410.

CONFORD, F. M. *Principium Sapientiae: as origens do pensamento filosófico grego*. Lisboa: C. Gulbenkian, 1989.

DETIENNE, Marcel. *Os Mestres da Verdade na Grécia Arcaica*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1988.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 8. ed. São Paulo: M. Fontes, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. Introdução teórica sobre verdade e mentira no sentido extra-moral (Verão de 1873). Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. In: NIETZSCHE, Friedrich. *Obras incompletas*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores). p. 43-52.

NIETZSCHE, Friedrich. A filosofia na época trágica dos gregos. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. In: PRÉ-SOCRÁTICOS. *Fragmentos, doxografia e comentários*. São Paulo: Abril Cultural, 1985. (Coleção Os Pensadores).

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia* (1871). Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich. *Les philosophes préplatoniciens*. Apresentação e notas Paolo D'Iorio. Trad. Nathalie Fernand. Paris: Léclet, 1994.

NIETZSCHE, Friedrich. Sobre o *páthos* da verdade (1872). Trad. Pedro Süssekind. In: NIETZSCHE, Friedrich. *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 1996. p. 23-33.

NIETZSCHE, Friedrich. O último filósofo: considerações sobre o conflito entre arte e conhecimento. Trad. Rubens Eduardo Ferreira Frias. In: NIETZSCHE, Friedrich. *O livro do filósofo*. São Paulo: Centauro, 2001a. p. 1-55.

NIETZSCHE, Friedrich. O filósofo como médico da civilização. Trad. Rubens Eduardo Ferreira Frias. In: NIETZSCHE, Friedrich. *O livro do filósofo*. São Paulo: Centauro, 2001b. p. 56-63.

NIETZSCHE, Friedrich. A ciência e a sabedoria em conflito. Trad. Rubens Eduardo Ferreira Frias. In: NIETZSCHE, Friedrich. *O livro do filósofo*. São Paulo: Centauro, 2001c. p. 85-98.

PLATÃO. *Fedro*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 1980.

SHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2005.

TORRANO, Jaa. *Hesíodo*. São Paulo: Roswitha Kempf, 1984.

Artigo recebido em 19/05/2016, aprovado em 9/08/2016